



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-graduação Educação: Currículo
Revista E-Curriculum
<http://www.pucsp.br/ecurriculum>

**TEORIA CRÍTICA DO CURRÍCULO: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA
BREVE REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR
UNIVERSITÁRIO NOS CURSOS DE LICENCIATURA**

**CRITICAL THEORY OF CURRICULUM: CONTRIBUTIONS TO A BRIEF
REFLECTION ON THE ROLE OF THE UNIVERSITY TEACHER IN THE
COURSES OF LICENTIATE**

CARNEIRO, Ana Lúzia Magalhães
luziacarneiro@uol.com.br

RESUMO

A proposta dessa comunicação é realizar uma reflexão sobre a ação do professor universitário, partindo da minha própria prática, -- como sempre propôs Paulo Freire -- das leituras, estudos e pesquisas realizadas para preparação de aulas e, por meio da Teoria Crítica do Currículo discutir a fundamentação de que o trabalho docente pode e deve ser transformador e que os professores devem assumir seu papel como intelectuais transformadores para, dessa forma, não perpetuarem a passividade intelectual de estudantes que desejarem atuar como professores.

Palavras – Chave: formação de professores, currículo, teoria crítica.

ABSTRACT

The proposal of this communication is to make a reflection on the action of the university teacher, starting from my own practice – as has Paulo Freire always proposed - from readings, studies and researches made for class preparation as well as through the Critical Theory of Curriculum to discuss the foundations from which the teachers work must be transforming and that the teachers should assume the role as transforming intellectuals, so that acting this way they do not perpetuate the intellectual passiveness in students who wish to work as teachers in the future.

Key words: formation of teachers, curriculum, critical theory.



Revista E-Curriculum, São Paulo, v. 1, n. 1, dez. -jul. 2005-2006.
<http://www.pucsp.br/ecurriculum>

INTRODUÇÃO

A educação brasileira tem se caracterizado, como afirmou Darcy Ribeiro (1986), como a melhor façanha das classes dominantes e o seu maior sucesso “[...] como um projeto deliberado de exclusão e dominação social [...]” (CORTELLA, 1998, p.10).

Discutir o sistema educacional brasileiro e o papel do professor não tem sido tarefa fácil nas salas de aula dos cursos de Licenciatura. A impressão que temos é que o desânimo e a descrença no sistema educacional se apoderaram dos jovens estudantes que, todos os anos fazem suas escolhas profissionais e, cada vez menos demonstram interesse e vontade em seguir a carreira do magistério, sendo que alguns até colocam essa possibilidade, mas como última opção, caso não consigam atuar na área profissional escolhida depois de formados.

Essa situação não pode ser analisada como um mero detalhe, principalmente quando resgatamos o contexto histórico de um país que desenvolveu uma valorização da cultura bacharelesca, da formação de “doutores”, da valorização máxima do ensino superior como fundamento básico para o desenvolvimento e formação das elites políticas e econômicas.

A formação de professores é uma questão fundamental na tentativa de encontrar soluções para os problemas existentes no processo educacional do Brasil. Por isso, propor uma discussão sobre essa temática é uma forma de contribuir para a reflexão sobre a ação docente e seu papel na formação de novos professores.

O PAPEL DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DE NOVOS PROFESSORES

Refletir sobre a atuação do professor universitário em cursos de licenciatura e cursos de Pedagogia nos remete, em primeiro momento, ao contexto histórico, às atuais condições e ao nível de qualidade da formação educacional do ensino fundamental e médio na vida de estudantes que estão chegando aos bancos universitários, do ensino superior particular.



Estes estudantes pertencem a uma minoria dentre aqueles que, durante anos enfrentaram barreiras políticas, econômicas e sociais, tentando com muitos sacrifícios, concluir o ensino fundamental, e quando chegam à faculdade, têm a expectativa de ter uma profissão que possa lhes garantir condições de vida mais dignas. Só que chegam também com perspectivas de se tornarem chefes, gerentes, profissionais liberais e, não em como a profissão poderá contribuir para mudar sua condição pessoal e ao mesmo tempo mudar o quadro de uma sociedade profundamente desigual, da qual ele pertence. Em muitos casos, nem mesmo desejam ser professores, mas fazem a opção pela Licenciatura para ampliarem suas condições de empregabilidade.

O jovem em condição de cursar uma faculdade, nem sempre é levado a preocupar-se com a função social de sua profissão e dos conhecimentos por ele adquiridos durante o curso, apesar de na cerimônia de colação de grau, todos lerem emocionados um juramento que sempre se inicia pela promessa em dispor sua profissão em benefício da sociedade. Em uma composição intitulada *Considerações de um jovem por ocasião da escolha de uma profissão*, Karl Marx escreveu:

Nossas relações com a sociedade começam, em certa medida, antes que as possamos determinar [...] A idéia mestra que deve nos guiar na escolha de uma profissão deve ser o bem da humanidade e o nosso próprio desenvolvimento [...] A natureza do homem é feita de tal modo que ele não pode atingir sua perfeição a não ser agindo para o bem e a perfeição da humanidade. (MARX Apud RUBEL, 1991, p. 16).

Infelizmente em nossa sociedade, em que uma minoria consegue iniciar o ensino superior, a preocupação apontada por Marx não faz parte do imaginário e nem mesmo do cotidiano do estudante brasileiro, pois não foi para isso que ele foi preparado durante todo o ensino fundamental e médio e sim para uma concorrência desleal e em como se tornar útil para o mercado de trabalho capitalista.

A citação sobre a escolha de uma profissão serve-nos aqui como uma chamada de atenção sobre como estamos auxiliando os jovens no caminho difícil de construção de seu futuro, mas principalmente para nos chamar a atenção para a necessidade de inserirmos na formação dos novos professores a preocupação com o desenvolvimento social, cultural e econômico do país.

Essa reflexão deve fazer parte do nosso dia-a-dia de trabalho em cada sala de aula, questionar como os cursos que ministramos têm contribuído para mudanças em nossa



sociedade e em suas relações de dominação, se a desigualdade social e econômica existente em nosso país está sendo vista pelo estudante por meio da ótica do opressor ou por meio da ótica do oprimido, nos remetendo mais uma vez ao pensamento de Paulo Freire que, tanto amou e acreditou nas possibilidades de transformação que a educação pode proporcionar.

Ao mesmo tempo é importante questionar ainda, como proposto por Giroux (1997), se nós professores, estamos promovendo a construção de um pensamento crítico sobre as escolas, que ao mesmo tempo em que podem contribuir para transformações, podem, e muitas vezes são utilizadas em nossa sociedade capitalista como instrumento de dominação e controle social, econômico e também cultural.

No cotidiano do trabalho de docência, tais reflexões simplesmente nos passam despercebidas, como se todo o conteúdo que ensinamos e a metodologia utilizada fossem meios naturais e mais eficientes para preparar o futuro professor, como uma atividade neutra. Apple (1982), nos fornece a possibilidade de perceber que apesar desse processo ideológico e hegemônico que domina o ambiente educacional, há possibilidade de fazer com que as instituições educacionais possam ser mais humanas e educativas.

Na verdade, este paradoxo é também uma demonstração de que na sala de aula temos a possibilidade não só de evidenciar as contradições sociais, mas também o papel contraditório da própria escola. É na conquista de uma consciência da não neutralidade daquilo que ensinamos e do que a ciência produz, que podemos encontrar pequenas brechas para interferir na hegemonia produzida pela ideologia capitalista.

Em alguns cursos superiores de licenciatura, em especial no ensino privado, o aluno tende ser visto como cliente para quem todo o material é preparado e este deve, após todo o esforço da Instituição, demonstrar que aprendeu, seja repetindo as atividades práticas tais como foram ensinadas, seja reproduzindo o conteúdo teórico nas provas de memorização. Ao mesmo tempo, o professor não é visto pelos alunos e pela instituição como um intelectual, mas como mero transmissor de conteúdos. É nesse momento que o professor apaga o que ainda lhe resta de consciência crítica sobre seu papel e sua profissão e passa a atribuir toda a responsabilidade pelos fracassos exclusivamente ao aluno.

Essa realidade perpassada por teorias simplistas e pela debilitada formação do professor universitário encobre nossa visão, impossibilita o desenvolvimento de uma consciência crítica e não nos permite perceber e compreender os conceitos de hegemonia,



dominação e controle sociais, permitindo dessa forma a continuidade de um trabalho inconsistente na formação de novos professores.

No entanto, mesmo com essas condições adversas a quaisquer transformações, não podemos deixar de enxergar que, nos últimos anos houve uma evolução na discussão da elaboração dos currículos e no papel das escolas, justamente pelas contribuições de cientistas sociais e da educação que têm realizado pesquisas complexas e abertas aos novos paradigmas sociais, buscando não mais verdades absolutas e sim alternativas de mudanças dentro de nossas instituições educacionais.

Além disto, existem grupos, instituições educacionais que, como diz Apple (1982), estão realizando e se empenhando em debates éticos e políticos verdadeiramente sérios a partir de uma base conceitual filosófica; estão redirecionando os tipos de questões que devem ser feitas para uma construção de um currículo crítico, fazendo inclusive desta área (currículo) uma ciência mais atuante.

Estes trabalhos estão permitindo que a ciência do currículo saia do campo das reformas graduais, orientadas pela ideologia dominante e de modelo único como o liberalismo, para uma atitude crítica e orientada no sentido de entender as razões e intenções que orientam-na. Estão abertos às formas de análises que fogem dos princípios positivistas que ainda norteiam o desenvolvimento e formulação de currículos que têm como marca, pensamentos incorporados aos interesses de controle e de confiabilidade técnica e social, inseridos em quase todos órgãos educacionais de nosso país.

Essas formas de análises, entendidas aqui como Teoria Crítica do Currículo, pode possibilitar a nós professores um novo entendimento sobre nosso papel no contexto educacional, de que trabalhar com determinado curso superior, ou área do saber, não é apenas transmitir conteúdos de forma neutra e destituída de fundamentação teórica, ideológica e política, é antes de tudo compreender que o conjunto de relações e representações econômicas, culturais, políticas e sociais englobam o desenvolvimento de determinados saberes e poderes de uma área de atuação, formam o currículo e a estrutura teórica com a qual iremos trabalhar o conhecimento e a formação de novos professores.



REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael. **Ideologia e Currículo**, São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Ed. Portugal, 1994.
- CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 1998.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação – na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GIROUX, Henry. ; SIMON, R. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, A F., SILVA, T.T. da. (Orgs.) **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1999.
- IANNI, Octavio (Org.), FERNANDES, Florestan (Coord.). **Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1988.
- RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**: ensaios insólitos. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- RUBEL, Maximilien. Crônica de Marx. **Cadernos Ensaio 3**. São Paulo: Ensaio, 1991.

Recebido em: 22 de julho.

Aceito em: 12 de setembro de 2005.

Para citar este trabalho:

CARNEIRO, Ana Luzia Magalhães. Teoria Crítica do Currículo: contribuições para uma breve reflexão sobre o papel do professor universitário nos cursos de licenciatura. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 1, n. 1, dez. - jul. 2005-2006. Disponível: <http://www.pucsp.br/ecurriculum>, acesso em: dd/mm/ano.



Breve currículo da autora:

Ana Lúzia Magalhães Carneiro, Mestre Em Educação-Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Centro Universitário São Camilo.

